

A correlação da expansão do cultivo de tabaco com a dinamização do comércio da área central da cidade de Canguçu - RS

The correlation of the expansion of tobacco cultivation with the revitalization of business in the central area of the city Canguçu - RS

Silvana de Matos Bandeira*

Resumo:

O trabalho visa pesquisar a causa da dinamização do comércio da área central de Canguçu (RS) no período 2000-2010. Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os conceitos abordados. Utilizando-se do método progressivo-regressivo de Henri Lefèbvre, a história de Canguçu foi dividida em periodizações de acordo com as suas fases econômicas. Por fim, foram realizadas entrevistas com comerciantes e representantes de entidades, a fim de que estes pudessem se manifestar sobre a importância da fumicultura para o município. Partiu-se da hipótese que o crescimento significativo do comércio foi causado pelo aumento da fumicultura no município, o que gerou renda e, conseqüentemente, dinamizou o comércio. Esta hipótese se confirmou no decorrer do trabalho.

* Geógrafa pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG).

Abstract:

This work aims to research the cause of the revitalization of business in the central area of Canguçu (RS) on the period 2000 - 2010. A bibliographical revision was initially done about the addressed concepts. Through the Henri Lefèbvre progressive-regressive methodology, the history of Canguçu was divided in periodizations according to its economic phases. Lastly, traders and representatives of entities were interviewed, in order to permit them to argue about the importance of tobacco farming for the town. It started from the hypothesis that the significant growth in trade was caused by the increase in tobacco farming in the city, generating income and consequently spurred trade. This hypothesis was confirmed during the work.

Palavras-chave:

Canguçu, comércio, fumicultura, dependência econômica

Key-Words:

Canguçu, trade, tobacco farming, economic dependence

INTRODUÇÃO

O presente trabalho estabelece correlação entre a expansão da atividade fumageira no município de Canguçu com a dinamização do comércio e as conseqüentes transformações espaciais perceptíveis, principalmente, na área central da cidade, onde ocorre a maioria das transações comerciais. A produção de tabaco causou um aumento no poder aquisitivo dos moradores do meio rural. Esta condição permitiu que estes agricultores passassem a se deslocar para a sede do município, não apenas com desejo de consumir os produtos oferecidos pelo comércio, como também com meios financeiros para adquiri-los. Os comerciantes, percebendo que os agricultores possuíam poder de compra, passaram a ampliar e a diversificar a oferta de produtos, procurando suprir não apenas as necessidades dos consumidores, mas também satisfazer os desejos criados pela publicidade. O aumento do universo de consumidores não só mobilizou pessoas de outros ramos a se aventurarem como comerciantes, como fez Canguçu tornar-se assim um mercado atrativo também para algumas grandes redes que abriram filiais na cidade.

Esta dinamização do comércio se reflete na produção da espacialidade, pois o espaço passa a se produzir e reproduzir em função da dinâmica do capital, ou seja, prédios são reformados e ampliados e casas de moradia são substituídas por salões comerciais. Enfim, o espaço passa a ser produzido com o capital gerado para servir de sustentáculo a reprodução deste mesmo capital, num crescente progresso que se torna visível na paisagem.

Para concretização da pesquisa buscou-se os referenciais teóricos e metodológicos na Geografia a fim de explicitar a realidade do comércio na cidade de Canguçu a partir das transformações ocorridas no campo. Além do referencial teórico e constitutivo da história canguçuense, realizou-se pesquisa de campo com os principais envolvidos da questão urbana em análise, isto é, trinta e nove atores sociais, entre comerciantes e representantes de entidades. Os entrevistados escolhidos tem a característica em comum de ter contato direto com os consumidores do meio rural e podem, pois, esclarecer qual a principal fonte de renda oriunda do campo, que contribuiu para a dinamização do comércio.

2. AS DIFERENTES FASES DA ECONOMIA DE CANGUÇU

O desenvolvimento do trabalho se deu com o auxílio do método regressivo-progressivo de Henri Lefèbvre (MARTINS, 1996). Para que fosse possível compreender a realidade atual (horizontal) de Canguçu, foi feita a decomposição (vertical) de sua história em quatro períodos, os quais foram marcados por atividades econômicas que contribuíram para a produção do espaço urbano. A extensão das periodizações foi definida levando em conta as transformações na economia do município, o que justifica haver algumas mais longas e outras mais curtas.

As periodizações propostas são as seguintes:

- *A importância da localização estratégica de Canguçu (1756-1899)* - Neste período, Canguçu apresentava um núcleo urbano incipiente e o comércio na cidade era pequeno. O município era local estratégico para as lutas entre Portugal e Espanha e a criação da cidade de Canguçu era de interesse geopolítico para consolidar a posse do território. De 1783 a 1788, no Canguçu Velho, funcionou a Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu, onde era produzido linho, estopa para vestir os escravos e onde também havia um início de policultura de subsistência com a produção de milho, feijão, abóbora e mandioca. Porém, a base da economia no município era a pecuária, sendo a agricultura uma atividade econômica secundária. O trigo foi um produto cultivado pelos colonizadores açorianos logo após a sua chegada, mas logo perdeu espaço para a pecuária, devido à demanda das charqueadas de Pelotas. Bento (2007, p.33) diz que "a pecuária teve grande impulso nos campos adjacentes aos atuais locais de Canguçu e Canguçu Velho, tendo seu rebanho em 1788, apesar do elevado desfrute, atingido 3.031 bovinos e 105 cavaleiros e muare".

- *A chegada dos imigrantes pomeranos (1900-1919)* - Etes (1991) explica que a imigração pomerana no RS teve início em julho de 1824, em São Leopoldo, por iniciativa do governo. Os primeiros imigrantes instalaram-se em terras da Coroa, na Real Feitoria do Linho Cânhamo, às margens do Rio dos Sinos. A propaganda do agente do governo brasileiro, Major Schaeffer, era tentadora, pois prometia que toda a viagem seria à custa do governo

brasileiro, teriam liberdade de culto no Brasil, seriam naturalizados, receberiam em torno de 77 hectares por família além de animais para o trabalho, entre outros benefícios. E, embora as promessas não tenham sido cumpridas na íntegra, Etges (1991, p. 63) afirma que “5.350 imigrantes alemães entraram no Rio Grande do Sul de 1824 a 1830”.

A imigração foi interrompida entre 1830 e 1844, principalmente por causa da Revolução Farroupilha. Porém, quando a paz novamente voltou ao RS, novos contingentes de imigrantes chegaram ao estado. Reiniciada a imigração, entre 1844 e 1850, chegaram mais dez mil imigrantes e, entre 1860 e 1889, outros dez mil. Entre 1890 e 1914, chegaram mais dezessete mil alemães. Os alemães começaram a se espalhar pelo RS, dando origem a diversos municípios, tais como Santa Cruz do Sul, São Sebastião do Caí, Bom Princípio, etc.

Em São Lourenço do Sul, a imigração foi feita pela iniciativa particular de Jacob Rheingantz. Rheingantz, na companhia de seu irmão Felipe, ficou encantado quando visitou e conheceu a colônia de imigrantes alemães em São Leopoldo.

A prosperidade e o bem-estar dos imigrantes impressionaram os irmãos Rheingantz profundamente. E é bem possível que tenha nascido ali a idéia de fundar uma colônia particular no sul do estado, nos mesmos moldes da colônia que tinham visto em São Leopoldo (WILLE, 2011, p. 47).

Com a intenção de realizar o seu projeto, Rheingantz começou a procurar uma terra fértil para a fundação da sua colônia. Encontrou o local adequado no interior do município de São Lourenço do Sul e, após estudar a legislação vigente sobre a criação de colônias particulares, foi para o Rio de Janeiro firmar um contrato com o Governo Imperial. No contrato, o governo exigia que a colônia não pudesse ter menos do que 1.440 imigrantes.

A maioria dos imigrantes pomeranos que vieram para Canguçu eram de São Lourenço do Sul. A procura por propriedades no município de Canguçu começou a ocorrer quando as terras começaram a se tornar escassas para as novas gerações e eles começaram a se expandir para os municípios vizinhos.

Nesta época, havia carreteiros que viajavam a Pelotas levando produtos como trigo e couro e retornavam com mantimentos para abastecer as casas comerciais do meio rural, que tinham a impor-

tante função de suprir as necessidades básicas dos moradores, já que não havia meios de transportes rápidos e eficazes para que estes pudessem vir rapidamente fazer compras na sede do município.

• *A agricultura consolida-se como a base econômica do município (1920-1999)* - A chegada dos imigrantes ao município causou transformações na economia local. Contrastando com os descendentes açorianos que possuíam bastantes terras e se dedicavam principalmente a pecuária, os imigrantes pomeranos tinham uma numerosa família, poucas terras e experiência na agricultura. Em 1958, a EMB mencionou o crescimento que a produção agrícola vinha apresentando no município, sendo que este desempenho também tinha a contribuição do novo trecho da linha férrea (Canguçu - Pelotas), que permitia o aumento da venda de produtos para outros municípios.

Embora tenha predominado a policultura no município, ao longo das décadas de 1970-1980 a produção de pêssego se destacou para atender a necessidade de matéria-prima das indústrias conserveiras de Pelotas. O trigo e o milho foram outros produtos bastante cultivados em Canguçu.

• *A presença do fumo e a transformação da agricultura em Canguçu (2000-2010)* - Nesta periodização, que é o foco do trabalho, houve um desenvolvimento da produção de tabaco em Canguçu, passando a ser a principal atividade agrícola geradora de riqueza para o município. Com a quebra de diversas indústrias de conservas em Pelotas, a demanda pela produção de pêssego em Canguçu reduziu. Com isto, muitos agricultores precisaram se dedicar a outros produtos, como o tabaco, por exemplo. As empresas fumageiras perceberam em Canguçu o local adequado para expandir a sua produção, pois no município predomina o minifúndio e a mão-de-obra familiar. Segundo o ITEPA (Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria), em 2000 eram plantados 3.800 hectares de fumo em Canguçu, com uma produção de 8.360 toneladas e em 2006 foram plantados 11.366 hectares com 25.005 toneladas. Esta transformação na base econômica de Canguçu propiciou um aumento na renda dos pequenos agricultores que, com maior poder aquisitivo, passaram a consumir mais no comércio da sede. Como consequência, houve um desenvolvimento sem precedentes no

comércio local. Enquanto, em 1999 havia 783 comércios formais em todo o município, em 2009 este número havia aumentado para 1268.

Segundo o censo de 2010, Canguçu possuía 33.565 pessoas residindo no meio rural (63,02%), enquanto na sede do município havia 19.694 habitantes (36,98%). Com este contexto, a maior parte dos consumidores do comércio da cidade de Canguçu são residentes no meio rural.

3. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano recria continuamente as condições para a reprodução do capital. É um lugar de aproximações e concentração onde converge a indústria, as matérias-primas, os meios de circulação, a força de trabalho, o exército industrial de reserva e as pessoas consideradas como consumidoras. No espaço urbano se dá a divisão social do trabalho que forma um elo na divisão espacial do trabalho na totalidade do espaço, tanto em nível local como regional, nacional ou internacional. Embora a concentração que ocorre no espaço urbano tenha um forte aspecto econômico, Carlos (1994, p. 84) esclarece que “o espaço urbano aparece como concentração através da cidade; esta é uma das condições históricas necessárias ao seu aparecimento, que transcende o meramente econômico”.

A autora deixa claro que o urbano é um produto do processo de produção num determinado momento histórico e não diz respeito somente ao aspecto econômico, mas inclui aspectos sociais, políticos, ideológicos e jurídicos que se articulam na totalidade da formação econômica e social. “O urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim, é um modo de vida” (CARLOS, 1994, p.84). Gottdiener (1997) concorda que o espaço urbano é o local em que atualmente se dá a acumulação do capital e é onde se estimula o consumo, porém sugere que é necessário ir além do marxismo vulgar e

[...] redefinir o que os marxistas entendem por relações de produção e ver que elas são ao mesmo tempo econômicas, políticas e culturais” (GOTTDIENER, 1997, p.206).

O espaço, considerado como solo, pode desempenhar várias funções: pode ser usado tanto como capital fixo para a produção, ser uma merca-

doria, um objeto de consumo ou, ainda, um local para habitar ou viver. Gottdiener (1997, p.104) explica porque o investimento em terra é sempre atrativo mesmo nos momentos de crise no seu ciclo de valorização. O autor diz que o valor de uma terra urbana não se dá apenas por sua localização, pois mesmo uma terra marginal sempre apresentará uma renda positiva diferente de zero. O seu valor se dá, também, pelo fato da terra ser passível de uma produção social tanto econômica como cultural ou política e ser adaptável a diferentes objetivos.

Apesar das flutuações dos retornos financeiros dos bens imóveis, sempre se pode orientar a propriedade para outros usos e, potencialmente, fazer parecer um investimento lucrativo. Este potencial é que é uma função do espaço social e constitui um valor produzido socialmente; assim, o investimento na terra é atraente, mesmo em tempos difíceis (GOTTDIENER, 1997, p.184)

Ao mesmo tempo em que o espaço é uma produção social é, igualmente, condição para a sua reprodução e, dessa forma, a história tem uma dimensão espacial.

Levando em conta a importância do processo histórico, reconhece-se a utilidade do método regressivo-progressivo de Henri Lefèbvre, descrito por Martins (1996), no qual é feito um reconhecimento de uma “dupla complexidade da realidade social: horizontal e vertical”. Inicialmente é realizada uma descrição do visível, analisando o presente.

A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. Cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que se vê (MARTINS, 1996, p.21).

É, então, feita apenas a descrição do presente sem buscar identificar o tempo de cada relação social. Posteriormente é feita a análise vertical, ou seja, uma regressão ao passado buscando identificar a “coexistência de relações sociais que tem datas desiguais” (MARTINS, 1996, p.21). O tempo deve ser periodizado em fases e as relações sociais precisam ser datadas a fim de que se torne claro que a coexistência delas no tempo atual traz ocultas as suas origens em processos diferentes do passado.

Martins (1996, p.21) afirma que, ao fazermos a análise vertical, “a realidade é analisada, decomposta [...]. Cada relação tem sua idade e sua data, cada ele-

mento da cultura material e espiritual também tem a sua data". O autor (1996, p.21) comenta que "o que no primeiro momento parecia simultâneo é descoberto agora como remanescente de época específica". No terceiro momento (histórico – genético), ocorre uma volta ao presente, porém este agora será "elucidado, compreendido, explicado", ou seja, "a volta a superfície fenomênica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido" (Martins, 1996, p.22). Com base no que já foi analisado, são refletidas as contradições das diferentes temporalidades e "as possibilidades que ainda não se cumpriram" (Martins, 1996, p.22). Cachinho (2002, p.399) também contribui ao dizer que "o espaço tal como o tempo é indissociável das práticas sociais, não só lhe serve de suporte e contexto como através da textualidade participa na sua produção".

Analisarmos o processo histórico pode ser muito útil para compreendermos o presente, pois a história e o presente estão muito mais vinculados do que às vezes se considera uma vez que o presente é apenas uma prolongação do passado. Os limites entre passado e presente e presente e futuro são imprecisos e efêmeros, pois o hoje já é história amanhã. E é a partir do presente que devemos estudar o passado, pois "solo a partir del conocimiento del presente se pueden explorar aquellas zonas del pasado que contienen enseñanzas útiles para los hombres de hoy" (CAPEL, 2009, p.21) e, assim, fazer interpretações sobre a relevância de acontecimentos passados às vezes aparentemente sem importância, mas que podem ter muito a contribuir para a compreensão dos fenômenos da atualidade, se bem interpretados. O conhecimento da história dos processos que contribuíram para a formação do espaço atual possibilita prever "escenarios posibles que permiten pensar en las tendencias existentes y como éstas puede configurarse en el futuro" (CAPEL, 2009, p.29).

4. A INFLUÊNCIA DO AUMENTO DA PRODUÇÃO DE TABACO NO COMÉRCIO DA ÁREA CENTRAL DE CANGUÇU (2000-2010)

Na produção do espaço urbano percebemos as transformações que vem ocorrendo com a dinamização do comércio. A área central da cidade passou por uma transformação, pois muitas residên-

cias foram destruídas para a construção de prédios comerciais. Também se pode verificar no espaço urbano a restauração de antigos prédios, a fim de alugar para as redes que tem se instalado ultimamente no município. Na Tabela 1 vemos as cinco ruas do centro de Canguçu que mais possuem estabelecimentos comerciais.

Tabela 1: Estabelecimentos comerciais da área urbana de Canguçu

Rua	Nº de estabelecimentos formais
General Osório	163
General Câmara	30
Júlio de Castilho	47
Avenida Vinte de Setembro	42
Conselheiro Brusque	18

Fonte: Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio (2009).

O crescimento econômico do município também foi acompanhado do desenvolvimento, pois as pessoas em geral tiveram um aumento em sua renda e tiveram acesso ao trabalho, tanto no campo como na cidade, com a renda per capita crescendo 66% entre 2003 e 2007.

5. OS COMERCIANTES E REPRESENTANTES DE ENTIDADES DE CANGUÇU SE MANIFESTAM EM RELAÇÃO A IMPORTÂNCIA DA FUMICULTURA PARA O MUNICÍPIO

Foram realizadas trinta e nove entrevistas com a finalidade de ouvir a opinião dos comerciantes, agências bancárias, Associação do Comércio, Indústria e Serviços de Canguçu (ACICAN), Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Prefeito Municipal sobre a interferência da produção de tabaco na dinamização do comércio no período 2000-2010. As entrevistas com os comerciantes foram feitas nos estabelecimentos da área central (Rua General Osório, Rua Júlio de Castilho e Rua General Câmara), onde se concentra o comércio tradicional da cidade.

Nas entrevistas se verificou que alguns setores do comércio têm uma média de idade mais recente do que outros setores. Enquanto as farmácias, lojas de vestuário e casas de material de construção são mais antigos, os estabelecimentos comerciais de Insumos Agrícolas, Móveis e Eletrodomésticos são mais recentes, seguidos pelo de Automóveis e de Calçados (Figura 1).

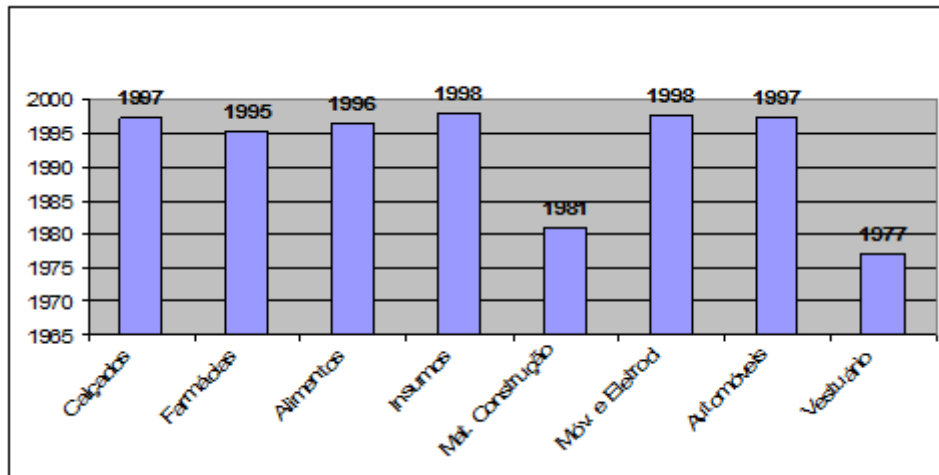


Figura 1: Ano médio de fundação dos estabelecimentos comerciais de Canguçu por Setor.
Fonte: entrevistas realizadas no comércio de Canguçu entre 11/2011 e 01/2012

Nas entrevistas se verificou que os setores de Insumos e de Móveis e Eletrodomésticos são mais recentes, porque seu crescimento está relacionado mais diretamente a fumicultura, pois os agricultores passaram a adquirir mais produtos agrícolas depois que intensificaram o cultivo do tabaco e o aumento do poder aquisitivo possibilitou trocar os móveis e eletrodomésticos de suas casas com mais frequência. O setor de Calçados mostrou ser recente em consequência do próprio desenvolvimento do comércio, que abriu espaço para as lojas especializadas em calçados. Anteriormente, os calçados eram vendidos em lojas de vestuário e agora, embora as lojas de vestuário continuem ofertando calçados, o mercado já comporta lojas especializadas de calçados.

O setor de automóveis teve o seu recente crescimento diretamente relacionado ao aumento do poder aquisitivo dos agricultores, embora essa mudança na renovação da frota seja em todo o âmbito nacional, resultado da maior renda do povo brasileiro na última década aliadas as facilidades de financiamento que são empreendidos para os automóveis.

O Entrev. nº 30 comentou que

Até mesmo se tu andar pra fora aí, vai ver que antigamente estes colonos andavam tudo de Corcel Um. Era o carro preferido, né? Era Corcel Um, tinha uns que tinham um fusquinha, Corcel Dois no máximo. Agora, hoje em dia, é tudo carro seminovo ou então carro novo, né? A gente nem trabalhava com carro novo antes e agora a gente já tá trabalhando com carro novo já, vendendo carro novo porque é o que eles querem. Eles vêm aqui, dão o carro velho, financiam e pegam carro mais novo. É Palio, é Golzinho, é só esses carros mais novos agora (ENTREVISTADO 30).

A Tabela 2 denota o motivo que mais levou os comerciantes a abrirem um comércio em Canguçu, tendo a agricultura do município como o principal cultivo a fumicultura.

Tabela 2: Motivos que levaram os comerciantes a abrir um comércio em Canguçu

Motivo	Nº de entrev.
Existência de um mercado criado pela agricultura	8
Pouca concorrência no setor	7
Experiência como empregado(a) propiciou abrir um negócio próprio	5
Desemprego condicionou a busca de um negócio próprio	4
Tradição familiar em comércio	4
Metas de expansão	3
Comércio existente e que teve possibilidade de expansão	3
Nova experiência de negócio	2
Influência familiar	1
Migração do campo para a cidade	1
Fidelidade de pagamento da cultura germânica	1

OBS: alguns entrevistados mencionaram mais de um motivo

Fonte: entrevistas realizadas no comércio de Canguçu entre 11/2011 e 01/2012.

O fato de haver pouca concorrência no setor, na época, também foi mencionado por sete entrevistados. O Entrev. nº 34 conta que em 1939 quando ele retornou do serviço militar e optou por abrir um comércio em Canguçu, na cidade

[...] só existia duas casas de comércio e havia dificuldade de se deslocar até a cidade de Pelotas. O deslocamento podia durar até 10 horas para ir a Pelotas. Não existia nada que tivesse em Canguçu. Só existia gêneros alimentícios, só (ENTREVISTADO 34).

Ele atribui o fraco comércio da época à agri-

cultura pequena do município

[...] tinha mercado e não tinha ninguém. Muito pouco os compradores. [...] A plantação era fraquíssima! Plantavam só batata e milho, não tinha quem comprasse (ENTREVISTADO 34).

O Entrev. nº 34 se admira do progresso que o comércio de Canguçu sofreu na última década “progrediu muito. Canguçu deu um salto, cresceu acho que 50 anos em 10”. Porém, ao mesmo tempo em que se admira, o entrevistado teme o futuro do comércio.

Nem idéia se teria na época do que está acontecendo em Canguçu. Nem idéia se tinha! E agora, eu acho que está ficando... Eu acho que isso aqui é uma coisa fictícia. Da onde tu vai tirar? Cresceu, cresceu e da onde? Termina o fumo e não tem mais nada. Isto aqui é uma coisa meio fictícia. Um comércio muito grande. Tomara... Tirar de quê? Tirando o fumo não tem mais nada. Então, eu estou trabalhando com muito cuidado. O comércio aqui está meio duvidoso. Se parar o fumo aí não sei. Nós estamos aqui vivendo do fumo e dos aposentados (ENTREVISTADO 34).

O Entrev. nº 18 também analisou a situação do comércio de Canguçu e concordou “tira o fumo, tira os aposentados, ai sobra pouco.” Na Tabela 3, podemos verificar a quantidade de benefícios em manutenção em Canguçu e que é uma importante fonte de renda para o município.

Tabela 3: Benefícios em manutenção no município de Canguçu (2000-2010)

Ano	Urbanos	Rurais	Total
2000	2.596	10.676	13.272
2001	2.675	10.787	13.462
2002	2.751	10.842	13.593
2003	2.859	10.944	13.803
2004	2.915	10.946	13.861
2005	3.147	11.076	14.223
2006	3.268	11.987	15.255
2007	3.375	11.843	15.218
2008	3.525	11.970	15.495
2009	3.630	11.922	15.552
2010	4.023	12.445	16.468

Fonte: INSS (2010).

Embora haja diversas culturas no município, não há outra que se compare ao poder econômico que a fumicultura dá aos agricultores. A Entrev. nº 35 descreveu como era a situação econômica do agricultor canguçuense antes de ser inserida a fumicultura

O alimento não tem uma comercialização garantida. O que estava acontecendo, o que acontecia, porque eu me criei no comércio e sempre via essa, essa questão econômica do município em relação a manutenção do agricultor. Então assim, o que acontecia? Na época que dava muito feijão não tinha preço, na época que dava batata não tinha preço. O agricultor mal apenas conseguia se manter. Claro, porque ele na época ele não comprava muito, anos atrás. Então, alimento ele tinha, ele... o pouquinho que sobrava ele comprava o vestuário e investia um pouquinho na agricultura, porque não dava para investir muito. Acontecia isso: a soja quando tinha, quem produzia um pouquinho de soja, não tinha preço. Ai tinha que esperar lá para quando terminava a safra pra vender a soja porque ela dava um pouco de preço. E a batata não dá pra tu guardares. O feijão até que eles botavam um produto no feijão para que ele agüentasse. Então, tu não podes esperar o preço (ENTREVISTADO 35).

A Entrev. nº 35 relembrou o grande êxodo rural que houve em Canguçu no passado e o quanto este problema se amenizou depois da fumicultura, visto que esta ocupa bastante mão-de-obra.

O fumo não, o fumo chegou a época, agora fim do mês já começam a comprar. E o fumo nunca teve o preço que ele teve. Ele dá um poder aquisitivo para o agricultor, um poder de compra. Então foi a produção de fumo que alavancou a agricultura, fez com que não houvesse mais êxodo rural. Porque há anos atrás o êxodo rural em Canguçu era altíssimo. Pra ti ver que tu vais em vilas em Pelotas e só mora gente de Canguçu. (...) Tu tem bairros em Pelotas que se formaram com o pessoal de Canguçu (ENTREVISTADO 35).

A Entrev. nº 37 reconhece a importância da fumicultura para o desenvolvimento do comércio e teme a decadência deste, caso não haja uma transição a tempo para outros cultivo: “Canguçu já viveu este terror há anos atrás, tu entende? Os anos 90 em Canguçu era uma pobreza. (...) Ninguém quer voltar pra aqueles anos.” Ela contou que no início dos anos 1990 o município estava passando por uma enorme crise na agricultura quando houve o fechamento da Indústria HP em Canguçu, responsável por absorver a produção de pêssego do município e de uma Indústria localizada no Remanso, receptora de outros tipos de cultivos. Quando os agricultores se reestruturam economicamente com o cultivo do fumo, o comércio apresentou significativo desenvolvimento:

Com certeza o fumo! O fumo é o cavalo chefe, porque foi o que trouxe o dinheiro. As multinacionais largaram muito dinheiro no município. Estritamente o fumo, os demais o município sempre teve. Leite sempre teve, aposentadoria sempre teve (ENTREVISTADO 32).

A Entrev. nº 35 afirma que o aumento do poder aquisitivo dos agricultores se deu após a inserção da produção de tabaco.

[...] seria a produção de fumo, que dá uma garantia de venda. Porque se o nosso agricultor tivesse trabalhando feijão, plantando feijão, plantando milho, ele já tava... Porque o agricultor que se desenvolveu foi o do produtor do fumo (ENTREVISTADO 35).

A Entrev. nº 37 explica

[...] cresceu o comércio na última década em Canguçu. Por quê? Porque os impostos aumentaram, as pessoas enriqueceram, a qualidade de vida melhorou, possibilitando com isso uma renda maior e obviamente, o comércio (ENTREVISTADO 37).

O IPO (Instituto Pesquisas de Opinião) realizou uma pesquisa com os decisores de compra de Canguçu (municípios com idade igual ou superior a dezoito anos). Com base nesta pesquisa, a tabela quatro mostra o que os canguçuenses costumam comprar no Centro, excluindo os alimentos.

Tabela 4: Declaração dos munícipes sobre os produtos que costuma comprar no comércio de Canguçu (%) (em relação a 96,1% que tem o hábito de ir ao centro da cidade)*.

E quais os produtos que o(a) Sr.(a) costuma comprar no comércio de Canguçu? (3 principais - excluir alimentos)	Geral da cidade	Análise por área	
		Urbana	Rural
Medicamentos	70,5	67,3	72,4
Roupas/ calçados	67,5	74,3	63,5
Sementes e insumos	26,5	1,8	41,1
Perfumaria/ higiene e beleza	19,3	24,8	16,2
Bazar/ Variedades	16,4	22,1	13,0
Móveis e eletrodomésticos	13,1	19,5	9,4
Peças e equipamentos	7,9	0,9	12,0
Material escolar/ escritório	4,3	2,7	5,2
Material de construção	0,3	0,9	--
Material esportivo	0,3	--	0,5
Não compra todo mês	4,3	1,8	5,7
Total percentual	230,4	216,1	239,0

* Respostas múltiplas (até 3 possibilidades).

Fonte: pesquisas realizada pelo IPO nos dias 30 de julho e 7 de agosto 2001.

O Entrev. nº 17 comentou:

Até que o comércio de Canguçu não sei como é que ele é tão grande. Então é baseado na agricultura, essa fumi-cultura, porque antes o comércio era fraquíssimo aqui, antes do fumo. [...] Um salto de uns 10, 15 anos pra cá foi a fumi-cultura (ENTREVISTADO 17).

O Entrev. nº 32 corrobora ao afirmar que houve uma grande expansão do comércio nos últimos dez anos.

O comércio era só a partir do clube harmonia pra lá, o comércio de Canguçu. E hoje, a maior..., as empresas maiores de Canguçu estão do... do... Clube Harmonia pra bai-

xo. Aumentou, está todo... a área do comércio aumentou muito, não está só no centro (ENTREVISTADO 32).

Com o aumento da informação e do poder aquisitivo, os agricultores se tornaram mais exigentes, como podemos perceber no trecho abaixo,

Tem pessoas de fora que perguntam "O que estão usando hoje?". Eles querem o que estão usando, eles não querem mais o baratinho. Às vezes chegam a pedir a calça mais cara. "Qual a calça mais cara que tu tens?" Um quantas já perguntaram (ENTREVISTADO 36).

A Entrev. nº 26 acredita que o aumento do poder aquisitivo trouxe uma melhora para a auto-estima do agricultor.

Eles estão buscando também um conforto que antes muitas vezes o produtor não se preocupava muito com isso, com o conforto, com o ambiente, com a arrumação, isso era secundário (...). Então eles não, não... eles não se detinham muito nesses detalhes e hoje eles querem uma casa bonita, bem arrumada e eles tão bem, se valorizando. A gente vê que quando eles chegam procurando um produto bom, uma coisa boa, é porque eles estão também se valorizando. Eles tão também pensando mais em si (ENTREVISTADO 26).

A produção de soja tem aumentado no município, porém esta se caracteriza por ser praticada em grandes propriedades e gerar uma renda concentrada na mão de poucos, enquanto o tabaco, gerado em pequenas propriedades por mão-de-obra familiar, é uma renda distribuída.

Tem outras culturas aí que podem render bem mais do que o fumo, como a soja. Só que esse capital, ele não é distribuído. O cara, o produtor grande que tem isto daí, vai pra conta, isso fica lá parado. O dinheiro que vem do produtor de fumo, esse vai, ele investe, ele investe em outra coisa. Então o que gira mais, o dinheiro que gira, que está sempre girando é o fumo, é o dinheiro do fumo (ENTREVISTADO 26).

A consequência disto é a dependência que a fumi-cultura gerou no comércio, pois este gira com a renda dos moradores do meio rural. Um dos entrevistados comentou que

Uma das principais coisas foi a plantação de fumo. Isto dá um poder aquisitivo muito grande para o pessoal do interior. O que gira o comércio de Canguçu é o pessoal do interior, basicamente do interior. (...) Quando o produtor de fumo recebe o dinheiro geralmente em fevereiro, março, é onde gira mesmo o dinheiro... quando o produtor de fumo recebe (ENTREVISTADO 22).

Na Tabela 5 é exposta a análise realizada pelo

IPO sobre o hábito dos canguçuenses ir ao Centro fazer compras e verificou-se que 96,9% dos moradores do meio rural de Canguçu apresentam este hábito.

Tabela 5: Declaração dos munícipes sobre o hábito de ir ao Centro da cidade fazer compras (%).

O (a) Sr.(a) tem o hábito de ir ao centro da cidade fazer compras?	Análise por área		
	Geral da cidade	Urbana	Rural
Sim, tem o hábito ir ao Centro para fazer compras	96,1	94,7	96,9
Não tem o hábito de ir ao Centro para fazer compras	3,9	5,3	3,1
Total percentual	100,0	100,0	100,0

Fonte: pesquisas realizada pelo IPO nos dias 30 de julho e 7 de agosto 2001.

A Figura 2 mostra a intensidade da dependência da fomicultura por setor entre os comerciantes entrevistados. O gráfico dois é o resultado da seguinte questão: "A que atividades econômicas estão vinculadas os principais consumidores no seu estabelecimento comercial?" O setor de Automóveis mostrou-se o mais dependente dos fumicultores com um percentual de 83% de seus consumidores dedicados à produção de tabaco.

O setor de Calçados se diz o menos afetado diretamente, seguido do setor de alimentos. O setor de alimentos declarou que tem como consumidores um grande percentual de aposentados, pois são estes que geralmente garantem a compra dos alimentos nas residências. No entanto, apesar de acharem que não serão muito afetados caso haja uma ruptura repentina na fomicultura, já que gêneros alimentícios são de primeira necessidade, eles temem que os agricultores, frente a uma crise, voltem a produzir os seus próprios alimentos.

A Figura 3 mostra a frequência dos consumidores em ir ao Centro de Canguçu fazer compras,

onde é possível perceber que os habitantes da zona rural tem mais hábito de vir ao centro mensalmente e isto em grande parte se deve aos aposentados que vêm receber e fazer o "rancho" do mês.

Vários entrevistados mencionaram que grande parte dos aposentados está com a sua aposentadoria comprometida por empréstimos e hoje eles "consomem, mas não tanto. A maior parte são os jovens, pessoas mais jovens. (Entrev. nº 36)

A Entrev. nº 26 comentou sobre a possibilidade da venda de alimentos diminuir na cidade.

Se não houvesse mais tanto dinheiro que o fumo produz, que dá para o agricultor vir investir na cidade, ele passaria... ele voltaria a produzir para degustação, para o sustento da casa e isso (venda de alimentos) ia diminuir (ENTREVISTADO 30).

O Entrev. nº 30 critica o fato de que muitas pessoas deixaram de produzir os alimentos para dedicarem-se exclusivamente a fomicultura e passaram a comprar em supermercados.

Antigamente as pessoas do interior plantavam milho, feijão, tudo quanto é coisa, batata, para comer. Hoje em dia, tu vês se eles plantam? Eles plantam só o fumo e compram estas coisas tudo na cidade. (...) Antigamente se produzia para consumir também (ENTREVISTADO 30).

O Entrev. nº 2 analisa a situação do comércio de Canguçu e conclui

O comércio está dependente do fumicultor, porque se a fomicultura for mal, o comércio vai mal. Porque não tem outra... hoje não tem uma fábrica, alguma coisa que dá rotatividade de sustentação para o comércio de Canguçu. Ele é dependente, exclusivamente, praticamente da fomicultura (ENTREVISTADO 2).

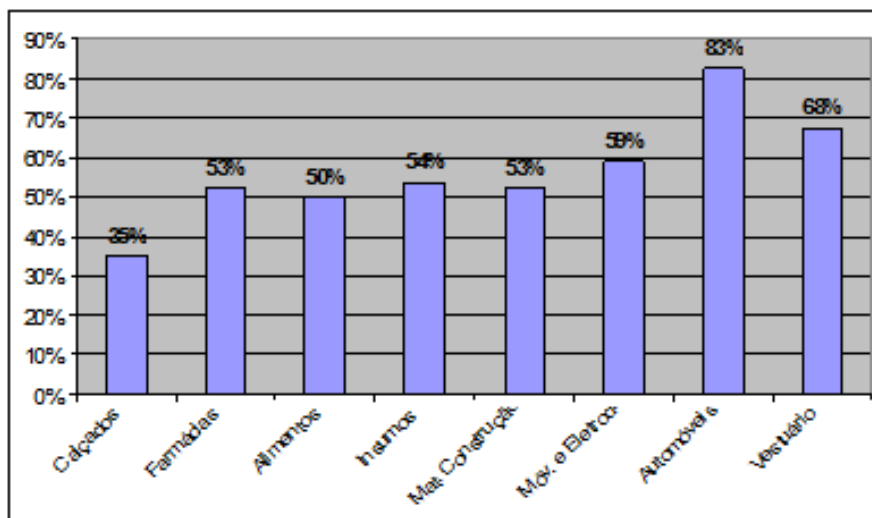


Figura 2: Percentual de Dependência Direta da Fomicultura em cada Setor Comercial.

Fonte: entrevistas realizadas no comércio de Canguçu entre 11/2011 e 01/2012.

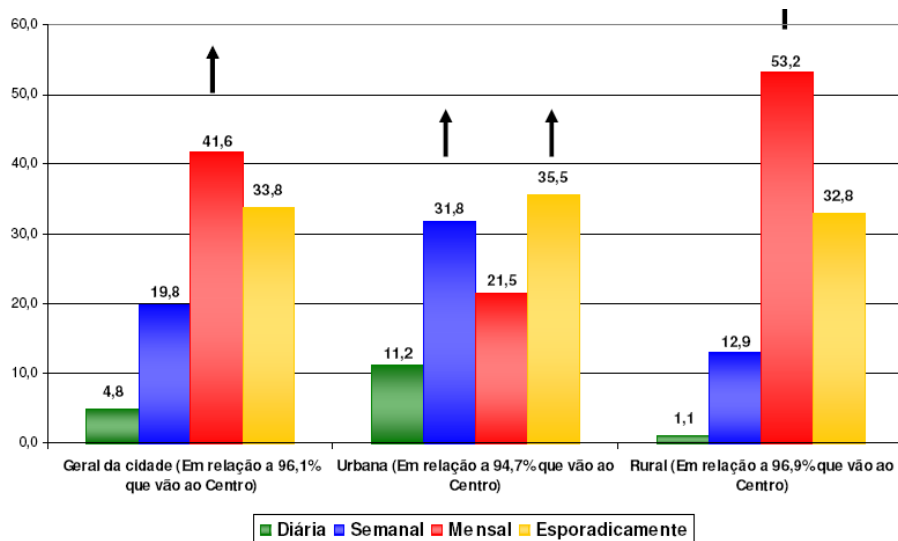


Figura 3: Análise da frequência em ir ao Centro de Canguçu (%) – Agosto/2011 (em relação aos decisores de compra que declaram que tem o hábito de ir ao centro).

Fonte: pesquisa realizada pelo IPO nos dias 30 de julho a 07 de agosto de 2011.

Vários entrevistados mencionaram que grande parte dos aposentados está com a sua aposentadoria comprometida por empréstimos e hoje eles “consomem, mas não tanto. A maior parte são os jovens, pessoas mais jovens (Entrev. nº 36).

A Entrev. nº 26 comentou sobre a possibilidade da venda de alimentos diminuir na cidade. “Se não houvesse mais tanto dinheiro que o fumo produz, que dá para o agricultor vir investir na cidade, ele passaria..., ele voltaria a produzir para degustação, para o sustento da casa e isso (venda de alimentos) ia diminuir.” O Entrev. nº 30 critica o fato de que muitas pessoas deixaram de produzir os alimentos para dedicarem-se exclusivamente a fumicultura e passaram a comprar em supermercados.

Antigamente as pessoas do interior plantavam milho, feijão, tudo quanto é coisa, batata, para comer. Hoje em dia, tu vês se eles plantam? Eles plantam só o fumo e compram estas coisas tudo na cidade. (...) Antigamente se produzia para consumir também (ENTREVISTADO 30).

O Entrev. nº 2 analisa a situação do comércio de Canguçu e conclui

O comércio está dependente do fumicultor, porque se a fumicultura for mal, o comércio vai mal. Porque não tem outra... hoje não tem uma fábrica, alguma coisa que dá rotatividade de sustentação para o comércio de Canguçu. Ele é dependente, exclusivamente, praticamente da fumicultura (ENTREVISTADO 2).

O Entrev. nº 17, que comercializa insumos para os agricultores, conjecturou sobre o que poderia acontecer com o seu comércio caso ocorresse o fim repentino da fumicultura no município.

Poderia até não fechar, mas a minha venda caía consideravelmente, embora ampliando com outras coisas. O fumo é um mal necessário. (...) Deus o livre se chega a terminar o fumo! (ENTREVISTADO 17).

A Entrev. nº 35 foi direta ao dizer “resumindo: todos nós dependemos da produção de fumo, da agricultura, tanto em nível público quanto privado em Canguçu.”

Dos trinta e dois comerciantes entrevistados (Graf. quatro), vinte e nove acreditam que o fim da fumicultura vai afetar o comércio de Canguçu, mesmo que os agricultores passem a cultivar outros produtos agrícolas. Isto se deve a característica do fumo ser até o momento o único produto viável para a realidade de Canguçu, dando um alto retorno financeiro em pequenas propriedades.

O Entrev. nº 1 explicou porque a pequena propriedade somente se sustenta se tiver o cultivo de um produto como o fumo

A pequena propriedade ela só se sustenta se tiver uma atividade tipo o fumo, senão ela não consegue. Com baixa tecnologia como eles usam, eles são... eles utilizam baixa tecnologia na atividade deles. O milho é plantado com baixa tecnologia. A pecuária deles é de baixa tecnologia. E o fumo o que acontece? Qual a diferença do fumo? O fumo tem um preço, um ganho relativamente grande e tem uma assistência técnica muito presente.

As fumageiras mantêm os técnicos permanentemente visitando as propriedades. Então isso aí faz com que eles utilizem tecnologias para plantar o fumo. Agora, para o milho, para a pecuária, já é uma coisa de baixa tecnologia (ENTREVISTADO 1).

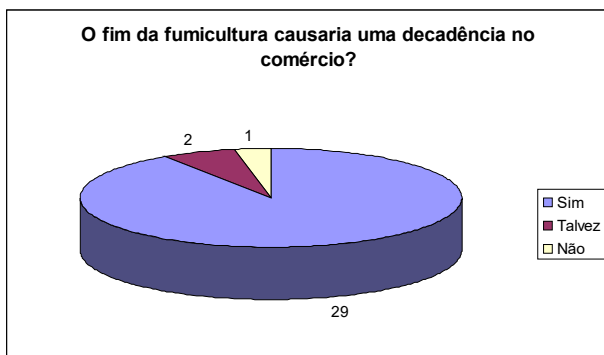


Figura 4: O fim da Fumicultura e a Decadência do Comércio
Fonte: entrevistas realizadas no comércio de Canguçu entre 11/2011 e 01/2012.

O Entrev. nº 19 também acredita que o município passaria por uma grande crise caso terminasse a fumicultura. "Tudo existe uma reversão, mas em Canguçu isso demoraria muitos anos, porque... ninguém consegue produzir em cima de tão pouca terra o que o fumo tira" (Entrev. nº 19). O Entrev. nº 8 comentou que acha muito difícil o pequeno agricultor conseguir manter o mesmo padrão de vida sem o cultivo do tabaco "O cara planta fumo porque não tem outra opção". O Entrev. nº 39 também acredita que para o contexto de Canguçu, a fumicultura é a única atividade agrícola que permite aos agricultores terem uma boa rentabilidade em tão pouca terra.

Então por isso que para o pequeno é difícil pra ele se manter e por isso que o pessoal se jogou com o fumo. O fumo é uma cultura de pequena propriedade e exige uma área pequena de terra e... o resultado é maior porque não é contada a mão-de-obra. Agora se tu vai contar a mão-de-obra, aí claro que a lucratividade do fumo também ela fica bem menor (ENTREVISTADO 39).

O Entrev. nº 18 também não é otimista em relação ao fim da fumicultura

A gente não sabe o que eles vão descobrir, o que vão inventar para substituir, mas vamos dizer que só acabasse com o fumo e não inventasse nada, com certeza o comércio ia decair muito. Hoje está num nível bom assim de venda, emprego e tudo em geral. Ia ser uma decadência muito grande (ENTREVISTADO 18).

A maioria dos entrevistados tem consciência que a fumicultura não continuará por muito tempo

sendo produzida em larga escala no município. A Entrev. nº 37 luta por novas alternativas para o município porque "é sabido que o fumo, ele é cíclico, ele vai terminar, o fumo vai terminar". (Entrev. nº 37). A Entrev. nº 35 também mostrou-se preocupada com o futuro do comércio de Canguçu.

Tem algumas lojas dessas de rede que vieram para cá que estão... que não sabem se vão ficar. É que também as pessoas acham que Canguçu tem uma mina. Na realidade a gente vive da agricultura. (...) Tudo são ciclos, a agricultura... tudo são ciclos, não é uma coisa permanente. Este poder de compra é momentâneo agora. Não quer dizer que ele fique assim (ENTREVISTADO 35).

A Tabela 6 mostra as oscilações que o cultivo de tabaco sofre no município, principalmente por ser dependente de fatores climáticos.

Tabela 6: Produção de fumo em Canguçu (2000-2010)

Ano	T	Ha
2000	8.360	3.800
2001	8.360	3.800
2002	10.186	4.630
2003	12.960	7.200
2004	20.900	9.500
2005	21.542	10.771
2006	25.005	11.366
2007	22.000	10.000
2008	16.547	7.906
2009	17.255	8.908
2010	13.362	8.908

Fonte: ITEPA, IBGE.

Os entrevistados apresentaram sugestões (Tabela 7) de atividades econômicas que poderiam vir a substituir o fumo e evitar, ou pelo menos amenizar, a decadência que o comércio sofreria com o fim da fumicultura. As perspectivas não são muito animadoras. A sugestão mais citada foi o investimento em outros cultivos, principalmente em hortifrutigranjeiros que se adaptariam bem às pequenas propriedades e a mão-de-obra familiar, mas que apresentam o empecilho da necessidade de transporte eficiente uma vez que tem pouca durabilidade e o interior do município ser muito extenso. Além disso, torna-se difícil ocorrer a garantia de um preço mínimo e a comercialização segura, pois corre o risco de haver boa produção e não encontrarem comprador, como ocorria antes da fumicultura. A maioria dos entrevistados que deram sugestão, defen-

dem que o governo é que teria que tomar o controle dessa cadeia produtiva. “Com muita seriedade, fazer uma transição pacífica entre uma produção e outra, só que dando aqueles respaldos que as multinacionais dão” (Entrev. nº 8). A Entrev. nº 37 também acredita no potencial dos agricultores canguçuenses, que segundo ela, são 70% de origem pomerana.

O nosso município ele é muito rico do povo trabalhador, rico de idéias e de iniciativas. Cabe ao poder público fazer o papel dele de dar o apoio técnico para o nosso agricultor (ENTREVISTADO 37).

Tabela 7: Alternativas sugeridas pelos comerciantes entrevistados para substituir o tabaco.

Alternativa	Nº de entrev.
Investimento em outros cultivos	10
Não existência de alternativa rentável para pequenas propriedades	10
Retorno à policultura com objetivo de subsistência	5
Não sabe	4
Retorno à policultura com venda do excedente	4
Abertura de indústrias e cooperativas	2
Criação de outras fontes de renda	2

OBS: Alguns entrevistados mencionaram mais de uma alternativa.

Fonte: entrevistas realizadas no comércio de Canguçu entre 11/2011 e 01/2012.

Porém a mesma quantidade de comerciantes, ou seja, 10 entrevistados estão bastante pessimistas em relação ao futuro do município e, conseqüentemente, do comércio. O Entrev. nº 15 diz que o fim da fumiicultura seria...

Uma catástrofe em Canguçu. (...) Canguçu não se preparou nestes últimos tempos. Em Canguçu entrou muito dinheiro na economia e a administração pública não soube aproveitar, não soube desenvolver outras atividades econômicas ou fomentar outras atividades econômicas que substituísse o fumo. Até porque não tem nada que alguém vá produzir em cima de quatro, cinco hectares que dê a rentabilidade que o fumo dá, a rentabilidade do fumo é muito alta (ENTREVISTADO 15).

Na Tabela 8 podemos comparar a produtividade de que o tabaco propicia no município, se comparado a outras atividades agrícolas.

Os comerciantes garantem que é possível perceber em suas vendas o reflexo das entressafras do tabaco.

Nessa época agora que só dá um intervalo, que os agricultores estão trabalhando mais, que não estão recebendo dinheiro nesta época, só estão trabalhando, já tem muitos comerciantes que estão numa crise que já estão apavorados. Por isso que tem que ganhar bastante, como se diz, na época da safra, vender bastante. Depois na época que não vende, o cara está tranquilo (ENTREVISTADO 30).

Tabela 8: Produtividade média dos principais produtos agrícolas cultivados em Canguçu.

Cultivos	Fumo (em folha)	Milho (em grão)	Soja (em grão)	Feijão (em grão)
Área plantada (hectare)	8.908	25.000	10.000	7.420
Produção (tonelada)	17.255	51.000	21.000	6.426
Rendimento médio (quilograma por hectare)	1.937	2.040	2.100	866
Valor da produção (mil reais)	91.452	15.300	17.010	9.045

Fonte: IBGE (2009).

Os comerciantes garantem que é possível perceber em suas vendas o reflexo das entressafras do tabaco.

Nessa época agora que só dá um intervalo, que os agricultores estão trabalhando mais, que não estão recebendo dinheiro nesta época, só estão trabalhando, já tem muitos comerciantes que estão numa crise que já estão apavorados. Por isso que tem que ganhar bastante, como se diz, na época da safra, vender bastante. Depois na época que não vende, o cara está tranquilo (ENTREVISTADO 30).

O Entrev. nº 36 também afirma que diminuem as vendas no seu estabelecimento quando a safra do fumo não é boa. “Quando eles têm uma safra ruim, a gente vê aqui o resultado na loja, a gente sente.” (Entrev. nº 36). O comércio de Canguçu, embora tenha passado por esta década de progresso, parece estar chegando a uma saturação. Diversos entrevistados reclamaram do aumento da competitividade, uma vez que diversos novos estabelecimentos abriram, fazendo com que os mais tradicionais tivessem que diminuir a sua margem de lucro para conseguir manter-se no mercado. “Houve uma expansão muito grande. Daqui uns dias nós estamos vendendo uns pros outros”, desabafou o Entrev. nº 8. Além disso, outro problema está começando a adquirir proporções preocupantes para os comerciantes, que é o endividamento dos agricultores. A Entrev. nº 35 expressou a sua preocupação

Está diminuindo o poder de compra porque eles se endividaram muito. Entendeu? Eles compraram trator, eles compraram... então... eles agora também estão correndo atrás de um poder de compra maior porque eles já tão muito comprometidos (ENTREVISTADO 35).

O Entrev. nº 30 contou um exemplo de uma situação que vem se tornando freqüente nas Revenidas de Automóveis.

Teve um cara num Escort SW aí semana passada que pagou 52 prestações e faltava só 20 e ele queria dar a camionete para alguém que a seguisse pagando, ou seja, para alguém que pagasse as últimas 20 parcelas (ENTREVISTADO 30).

A Entrev. nº 35 acrescentou que há algum tempo atrás era difícil encontrar um imóvel comercial para alugar e hoje já existe vários sobrando.

O agricultor não ia morrer de fome, ele ia trabalhar, ia produzir outras coisas, mas que realmente o poder de compra do município ia diminuir ia, do agricultor. E isto já ta mudando, tu sabia? O poder de compra está diminuindo agora um pouco, porque tu já vês que tem vários lugares na cidade que estão para alugar (ENTREVISTADO 35).

Outro reflexo da crise que a fumicultura vem enfrentando ultimamente é o retorno para a cidade de pessoas que há algum tempo atrás se mudaram para a zona rural com o objetivo de “aventurar-se” na fumicultura.

Tu tinha ficha com nós, morava aqui na cidade. Aí uns anos atrás agora tu vinha aqui, eu ia alterar teu cadastro. Ah, não, não, eu estou morando para fora agora. (...) Anos atrás, quando o fumo estava pagando um absurdo... E compravam, não tinha... Ai vinham... ah não, eu estou plantando fumo. Aconteceu. Agora tu já vês as pessoas voltando. Tu já vês muitos clientes nossos dizendo “ah não deu certo”. Por quê? Porque o fumo agora eles começaram a apertar (ENTREVISTADO 27).

A Entrev. nº 37, atual presidenta da Acican, também reconhece que o progresso do comércio de Canguçu na última década foi em grande parte devido a fumicultura forte do município.

Foi uma década de valores em dinheiro, em montantes, que Canguçu... tanto que é um município dos mais desenvolvidos em comércio e as redes todas querem vir pra cá. Por quê? Porque tem dinheiro.(...) Foi uma década de ouro o fumo. (...) O carro chefe de tudo isto foi o fumo e está sendo o fumo ainda. (...) O fumo é o grande alavancador (ENTREVISTADO 37).

Devido a isto, ela teme o que uma ruptura na fumicultura poderia causar ao comércio, à sociedade de Canguçu e à economia em geral do município. “Isto é uma cadeia devastadora, porque não é só o comércio que vai sofrer. (...) Se o comércio quebrar, não vai ter mais emprego” (Entrev. nº 37).

O desafio atualmente em Canguçu é descobrir alternativas para a agricultura do município em tempo hábil, antes que a crise tome grandes proporções. Tendo em vista isto, a Fecican 2012 (Feira do Comér-

cio, Indústria e Serviços de Canguçu) teve como tema “Nossa Terra, Nossa Gente, no Desafio por um Novo Amanhã”. O objetivo é não só conscientizar a população canguçuense e a administração municipal sobre a fase decisiva que está passando a economia do município, mas também mostrar a diversidade de produtos que Canguçu possui, para que desta forma não ocorra uma ruptura e sim uma transição para outros cultivos. A Entrev. nº 37, uma das organizadoras da Fecican, explicou

Por que na VII Fecican... o norte da Acican é uma nova matriz produtiva ou fomentar uma já existente. (...) A nossa entidade ela é voltada para o comércio, mas se não existe agricultura não existe comércio (ENTREVISTADO 37).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O progresso do comércio de Canguçu de 2000-2010 foi causado pelo aumento do poder aquisitivo dos agricultores, tendo como consequência o aumento do nível de consumo e a dinamização da economia do município. A dinamização do comércio causou uma produção e revitalização do espaço urbano da área central mais intensa, uma vez que aumentou a demanda por prédios comerciais.

O aumento no nível de consumo não é um fenômeno que tem ocorrido apenas em Canguçu, ou seja, é uma tendência mundial. Porém, o que se defende é que a fumicultura permitiu que os agricultores de Canguçu aumentassem o seu poder aquisitivo e acompanhassem este fenômeno, pois do contrário continuariam à margem da tecnologia e dos objetos desenvolvidos com a finalidade de trazer um melhor conforto ao homem e trabalhariam apenas para a sobrevivência.

Entretanto, os comerciantes temem não conseguir manter-se no mercado, pois o poder aquisitivo dos agricultores parou de aumentar e atualmente continua havendo um aumento no número de comércios sem haver um correspondente aumento na demanda. Além disso, há um temor por parte dos comerciantes sobre a continuação ou não da produção de tabaco no município, tendo em vista que há políticas governamentais de redução do seu cultivo e ainda não se encontrou outro produto que traga tanto retorno financeiro em pequenas propriedades, embora já haja diversas iniciativas no município a este respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história*. 2.ed. Barra Mansa: Irmãos Drummond Ltda, 2007.

CACHINHO, Herculano. *O comércio retalhista português: pós-modernidade, consumidores e espaço*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospecção do Ministério da Economia, 2002, 473p.

CAPEL, Horacio. La historia, la ciudad y el futuro. *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales de la Universidad de Barcelona*, v.XIII, n.307, p.1-79, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrt/sn/sn-307.htm>> Acesso em: 12 abr. 2010, 16:30:30.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. 1.ed. São Paulo: Edusp, 1994.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume 33. Ano 1958. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes_multiplo.php>. Acesso em 16/02/2012, 17:55.

ETGES, Virgínia Elisabeta. *Sujeição e Resistência. Os camponeses gaúchos e a indústria do fumo*. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. 2.ed. São Paulo: USP, 1997.

Instituto Pesquisa de Opinião. *Relatório de Pesquisa*. Diagnóstico das demandas Comerciais, Industrial e Agroindustriais na cidade de Canguçu – RS. Pelotas, 2011.

ITEPA. Disponível em <<http://www.bancode-dadoszonasul.com.br/content/>> Acesso em 15 jun. 2012

MARTINS, José de Souza. *Henri Lefèbvre e o retorno à Dialética*. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

WILLE, Leopoldo. *Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul*. Trajetória – Mitos – Cultura. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

Correspondência da autora:

Silvana de Matos Bandeira
e-mail: mmmatosss@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 26/11/2014

Aceito para publicação em: 23/05/2016
